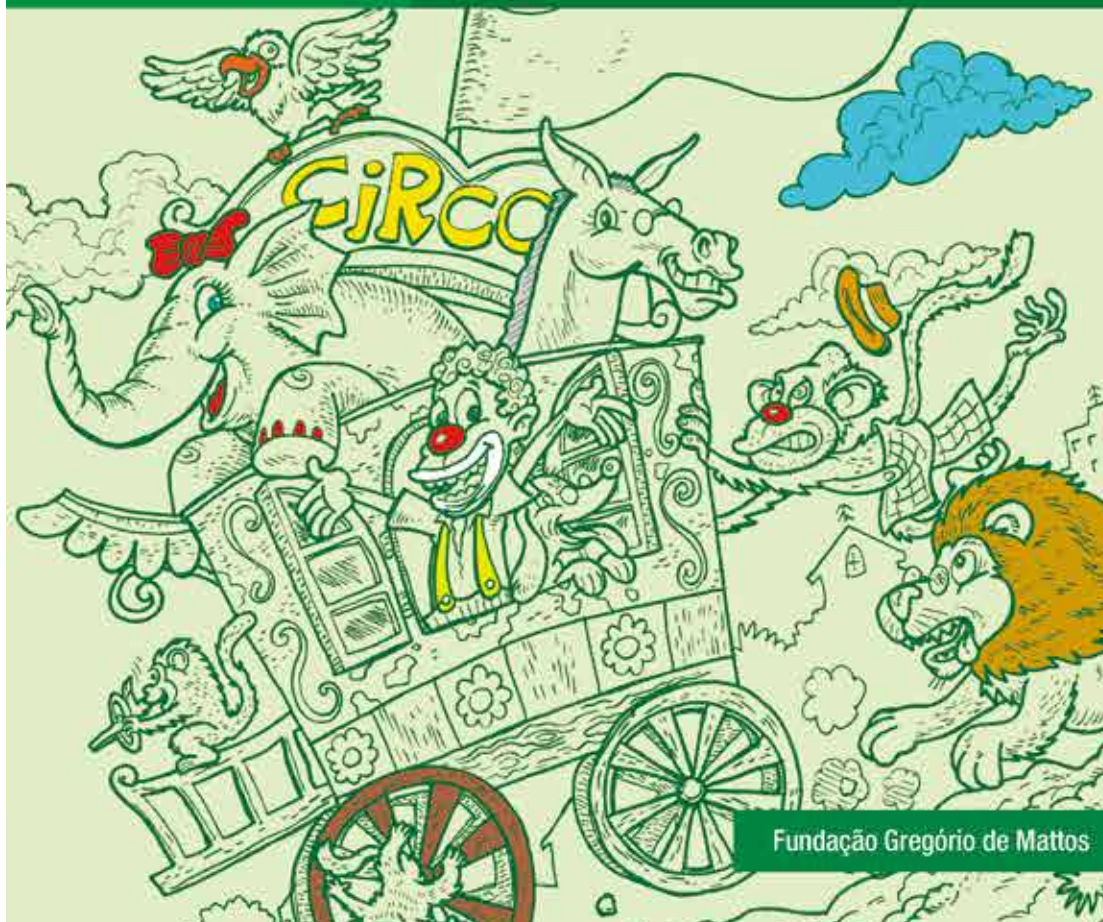


JOÃO
URBALDO
RIBEIRO



O CIRCO DA ALEGRIA

Betania Paz Lisboa



Fundação Gregório de Mattos

Betania Paz Lisboa

O CIRCO DA ALEGRIA

Fundação Gregório de Mattos

Salvador, 2015

PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Prefeito da Cidade do Salvador

Antonio Carlos Peixoto de Magalhães Neto

Secretário de Cultura e Turismo

Érico Pina Mendonça Júnior

Presidente da Fundação Gregório de Mattos

Fernando Ferreira de Carvalho

Chefe de Gabinete

Sílvia Maria Russo de Oliveira

Assessora Chefe

Gildete Nascimento Ferreira

Assessora Jurídica

Thais Conceição de Santana

Gerente de Arquivo Histórico Municipal, Museus e Bibliotecas

Lucimar Oliveira Silva

Gerente de Promoção Cultural

Wilton Rafael Souza Magalhães

Gerente de Sítios Históricos

Milena Luisa da Silva Tavares

Gerente Administrativo-Financeiro

Ivã de Araújo Oliveira

Gestor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Éric Castro

COLEÇÃO SELO LITERÁRIO JOÃO UBALDO RIBEIRO

Coordenação

Lucimar Oliveira Silva

Plutarco Drummond Magalhães Neto

Claudius Portugal (consultor)

Produção

Lídia Santos Costa

Felisberto dos Santos Gomes

Comissão de Avaliação do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro

Aleilton Santana da Fonseca

Elísio Ferreira Lopes Júnior

Elidinei Maria Bonfim

Gerana Costa Damulakis

Iray Maria Galvão

Lídia Santos Costa

Lourdes de Fátima Santos Pinto

Luis Antônio Cajazeiras Ramos

Myriam de Castro Lima Fraga

Fazem parte do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I as seguintes publicações:

Contos

A Devoção do Diabo - *Ordep José Trindade Serra*

Romance

Alzira Está Morta - *Goli Guerreiro*

Republicação

Canudos: A Luta - *José Guilherme da Cunha*

Crônicas

Crônicas Hipermodernas - *Mar Zalez*

Poesia

Mar Interior - *Renato de Oliveira Prata*

Literatura infantil

O Circo da Alegria - *Betania Paz Lisboa*

Prêmio Jovem autor inédito

O Sangue é Agreste: Os livros do sertão - *Ian Fraser*

Dramaturgia

Partiste - *Paulo Henrique Alcântara*

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP) Fundação Gregório de Mattos

L769 Lisboa, Maria Betania Paz

O Circo da alegria / Maria Betania Paz Lisboa
Salvador : Fundação ADM, 2015.

76 p. : il. - (Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, Ano I)

ISBN: 978-85-88182-06-6

1. Literatura brasileira I. Fundação Gregório de Mattos
II. Título

CDU: 82-93

**JOÃO
UBALDO
RIBEIRO**



SELO LITERÁRIO



O CIRCO DA ALEGRIA

Betania Paz Lisboa

FGM Fundação
Gregório de Mattos

Secretaria de
Cultura e Turismo



Salvador, 2015

A Fundação Gregório de Mattos sente-se orgulhosa com o lançamento da Coleção Ano I do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro. A coletânea reflete o esforço da Prefeitura de Salvador, da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECULT) e da Fundação Gregório de Mattos (FGM) para incentivar a cadeia produtiva do livro em toda sua extensão.

Aproximadamente uma centena de escritores e escritoras inscreveu suas obras no Edital do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro, que foram avaliadas por uma comissão de notáveis do setor da literatura baiana. A expressiva participação e o alto nível das obras inscritas comprovaram a demanda da área por um concurso de excelência literária em Salvador.

A intensa relação de João Ubaldo Ribeiro e sua obra com a cidade de Salvador, ao tempo em que reafirma a relevância universal de sua literatura, o credencia para denominar o Selo, cujos objetivos são fomentar e promover a leitura e a produção literária no âmbito do município. Eleito para a Cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, João Ubaldo, romancista, contista, cronista e roteirista de renome internacional, recebeu, entre outros, os prêmios Jabuti, em 1972, e Camões, em 2008. Suas obras são traduzidas para várias línguas e adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

A publicação da Coleção do Selo Literário João Ubaldo Ribeiro - Ano I é de suma importância para o desenvolvimento e consolidação do campo da literatura na capital baiana. Ademais, cumpre o disposto no Decreto Municipal 24.883 de 02 de abril de 2014, que instituiu o Selo, e dispõe que “incumbe ao poder público garantir a todos o acesso às fontes de cultura, apoiando e incentivando a produção, valorização e difusão das manifestações culturais”, consoante o que dispõe o art. 262 da Carta Orgânica Municipal e as diretrizes da Lei 8.551/2014, que instituiu o Sistema Municipal de Cultura.

A primeira coleção do Selo João Ubaldo Ribeiro conta com oito títulos de diversos gêneros literários. A FGM mais uma vez ratifica a sua missão de órgão gestor da política cultural do município e de instituição integrante do Plano Municipal do Livro, Leitura e Biblioteca (PMLLB).

Fernando Guerreiro
Presidente da Fundação Gregório de Mattos



Índice

O circo	09
Arraial da Tristeza	13
A visita	21
Um velhinho misterioso	31
A proposta	37
O bilhete	47
Tudo parece dar errado	51
As surpresas de um novo dia	57
Amizade verdadeira	63
Arraial da Alegria	71

Capítulo 1



O circo

Barriga, um rapaz magricelo de 17 anos, observava a paisagem ressequida e amarelada do sítio onde nascera. Cabisbaixo, passou as mãos nos cabelos encaracolados cor de ouro. Ele estava decidido, não havia mais nada que o segurasse ali. Com a morte do avô e a terra seca, só lhe restava partir e tentar a sorte em outro lugar.

“Vovô morreria de tristeza em ver a terra assim, queimada pelo sol.” Pensou ele, enxugando uma lágrima. Seu coração ardia com as doces lembranças dos tempos que vivera ali com seu avô.

Ele colocou na mochila suas poucas peças de roupas e alguns livros e revistas encontrados no lixão a caminho da escola, que o ajudaram a sonhar e viver feliz durante anos.

“Pelo menos agora poderei conhecer o mundo.” Imaginou ele, enquanto aproximava um de seus livros preferidos ao rosto e sentia o seu cheiro, colocando-o cuidadosamente na mochila.

Quando ele se preparava para partir, algo inesperado aconteceu: ouviu um barulho vindo do quintal de sua casa. Desconfiado, foi até lá e avistou um burrinho ferido que procurava ajuda. O rapaz cuidou dele, dando água e um pouco de capim meio seco. Como o animal precisava de mais cuidados, ele retardou sua partida.

Dois dias depois, numa estrada perto do sítio, ele deu de cara com uma elefanta que fora abandonada por um circo. O dócil animal estava desorientado e faminto. Barriga levou a elefanta para casa e a tratou com muito carinho.

De outra feita, ele se deparou com dois macaquinhos que foram tirados dos pais ainda novinhos, e perambulavam pelas ruas poeirentas da pequena cidade perto de onde morava. Penalizado com a condição dos bichinhos, levou-os para sua casa, juntando-os aos outros que já acolhera.

Após fazer pelos animais o que estava ao seu alcance, Barriga os deixou numa reserva florestal, localizada no município vizinho. Mas ao retornar, encontrou os bichos reunidos em sua casa esperando por ele. Assustado, se questionou: “Sou tão pobre, como farei para manter e alimentar esses animais?”

Então, ele teve a ideia de se vestir de palhaço e viajar pelo mundo com os animais e uma velha carroça que herdara de seu avô. E assim, foi criado o Circo da Alegria, com os objetivos de levar sorrisos e alegria para crianças e adultos e obter o sustento de todos.

O tempo foi passando e outros bichos foram socorridos pelas estradas. E a família do circo foi crescendo cada vez mais.

A carroça que carregava as tralhas do pequeno circo estava muito velhinha. Alguns animais já tinham passado do tempo de aposentar e ter um bom descanso. Mas eles eram tão unidos que não queriam nem falar em separação. Além disso, Barriga precisava deles para continuar o trabalho. O desejo dos integrantes do Circo da Alegria era ver o sorriso estampado no rosto das pessoas que assistiam ao espetáculo.

Capítulo 2



Arraial da Tristeza

Faltava pouco para o Natal. A turma do Circo da Alegria viajara por dias. Todos estavam exaustos, queriam encontrar logo um lugar onde pudessem armar a tenda.

De repente, Barriga viu uma placa: “Cidade de Arraial da Tristeza”. O nome era bem estranho para uma cidade; mas, Barriga, até se animou e pediu para o velho burrinho apressar o trote. Afinal, a missão do seu circo era levar alegria para as pessoas.

De longe, o palhaço avistou alguns moradores sentados na frente de suas casas. Arraial da Tristeza se parecia com outras cidades pequenas do interior por onde já tinham passado: tinha uma igreja, escola e até uma grande praça no meio da cidade. Mas naquela praça não havia uma única flor, apenas

meia dúzia de bancos velhos de madeira, que acomodavam moradores quietos e silenciosos; algumas árvores quase secas e ervas daninhas misturadas com pequenos arbustos empoeirados.

As pessoas, às vezes, miravam o céu de poucas e cinzentas nuvens, como se esperassem dele alguma resposta.

A ausência de cores na paisagem acentuava a impressão de tristeza: sem flores; o pouco verde cobria-se de pó; a pintura das casas desbotara, até quase sumir, com a ação do sol e do tempo; e o mesmo acontecera com as roupas dos moradores.

E o pior: as pessoas dali pareciam ter aceitado essa situação e perdido o ânimo e a esperança. O quadro era de muita tristeza.

Minutos depois, a carroça adentrou a cidade. Nem mesmo o barulho de sua passagem, batendo nas pedras das ruas, chamou a atenção daquela gente.

O palhaço cutucou Chico Tripa:

- Olhe, Chico Tripa! Elas nem se importam conosco.

- Por que tanto desinteresse? Nunca vi isso em outros lugares onde passamos - completou Chico.

O papagaio, Filó, um dos integrantes do circo, que também era o locutor dos espetáculos, pegou o megafone, falou, chamou e gritou tentando atrair os moradores, mas foi inútil.

Estranhamente, os moradores que estavam sentados nos bancos da praça, levantaram-se um a um, atravessaram a rua com os ombros curvados e de cabeça baixa, e se meteram em suas casas. Da mesma forma, aqueles que estavam sentados nas portas, ou andando pelas ruas, fizeram a mesma coisa. Não demonstraram a mínima curiosidade ou interesse. E assim, a cidade ficou completamente vazia.

- Nossa! Parece uma cidade fantasma! - disse o palhaço, preocupado. Ele tomou o megafone das asas do papagaio, Filó, e falou com energia:

- RES-PEI-TÁ-VEL PÚBLICO! Tenho o prazer de apresentar meus amigos. Vou começar pelo macaco, Chico Tripa, o mais inteligente, o mais esperto... o... - o palhaço parou de falar, vagueou o olhar ao redor, e tudo continuava em silêncio, sem uma alma para ouvi-lo. Nem mesmo uma janelinha se abriu no emaranhado de casas.

Ele não se deu por vencido e continuou apresentando os outros bichos assim mesmo.

- E temos mais artistas, vejam:

O Mico-leão-dourado, macaquinho bem preguiçoso;

Leão, o rei, exibido e valentão;

Filó, o papagaio, tagarela e fofoqueiro;

Vira-lata, o cachorro, trabalhador e muito amigo;

A elefanta, Cinza, grande e desastrada, adora soltar pum.

- Palhaço, não precisa falar sobre meus maus hábitos! - reclamou a elefanta, corando de vergonha.

- Tudo bem, Cinza, não tem ninguém para ouvir! - afirmou o palhaço, decepcionado com aquela acolhida tão fria; só o vento assoviando na solidão respondia ao apelo. Eles entenderam porque o nome da cidade era Arraial da Tristeza.

Barriga olhou para um espaço vazio, perto da praça, e comunicou que montariam a tenda do circo ali mesmo.

O macaco, Chico Tripa, traquino, esperto e com ideias geniais para criar brincadeiras, foi o primeiro a saltar da carroça.

O Mico-leão-dourado, preguiçoso, não perdia oportunidade de puxar os cabelos das pessoas durante os espetáculos, e o rabo dos outros animais do circo; tinha preguiça até para pensar. Vivia dormindo.

O papagaio, Filó, além de ser o locutor do circo, imitava a voz de todos com muita perfeição. Mas a sua brincadeira preferida era provocar o Leão.

O Leão, com sua juba enorme, achava que era o mais belo

e poderoso de todos no circo. Não se cansava de pentear sua enorme cabeleira meio rala pela idade. Vivia na frente do espelho indagando:

– Espelho, espelho meu, existe alguém mais lindo, charmoso e poderoso do que eu?

O papagaio, mais do que depressa, arremedando uma voz grossa e estrondosa dizia:

– Sim, ó rei Leão: o papagaio, Filó! É tão belo que dá dó!

É claro que o Leão ficava irritado e saía a perseguir o papagaio. Quem via, achava logo que a pobre ave seria devorada até a última pena.

Mas como em toda família, eles brigavam, brincavam e eram muito amigos.

Essa turma acabara de chegar à cidade de Arraial da Tristeza, famintos e sedentos depois de muitos dias viajando.

Finalmente começaram a descarregar a carroça, menos o Mico-leão-dourado, porque tinha *muuuita* preguiça e decidiu ficar deitado com sua namorada, Mika.

- Amigos, nós não temos tempo para descansar, vamos armar nosso circo! – ordenou o palhaço.

- Para que, palhaço? Não tem ninguém para nos assistir – resmungou o Mico, acomodado na carroça.

- Não importa, montaremos nosso espetáculo assim mesmo. Vamos! – insistiu o palhaço com firmeza.

Os bichos pegaram suas ferramentas e começaram o serviço.

Capítulo 3



A visita

Enquanto trabalhavam, montando o circo, duas pessoas se aproximaram do palhaço: uma menina e uma moça. Por algum tempo elas permaneceram caladas, observando a turma do circo atentamente.

Percebendo a presença da menina, Chico Tripa tocou no palhaço, apontando-a.

– Eu sou Ana Luz! E essa é Clara, minha irmã – disse a menina, com voz apagada, encarando o macaco, Chico Tripa. Ela tinha corpo franzino, olhos grandes e bochechas pálidas, um olhar triste e sem brilho. Os longos cabelos foram amarrados atrás, sem o menor cuidado.

A moça, logo atrás da menina, deu dois passos adiante e falou:

– Não queremos vocês em nossa cidade! Ninguém aqui gosta

de desconhecidos – disse ela, bem séria, afastando uma mecha do cabelo longo e desarrumado que caía no seu rosto triste, mas bem feito. O nariz fino e a boca delicada formavam um belo conjunto com os olhos claros. O corpo magro e alto guardava alguma semelhança com o da menina.

– Ahhn? Mas qual o motivo? Somos um circo, levamos alegria para as pessoas. Aliás, permita-me falar moça: essa cidade é bem esquisita, precisa mesmo de nossa presença aqui! – falou o Leão.

– Quem disse que precisamos de vocês aqui? – retrucou ela, sem se perturbar, fitando o Leão.

– Clara, meu amigo, o Leão, quis dizer que temos a missão de fazer as pessoas sorrirem. Por isso estamos aqui – afirmou o palhaço.

A moça aproximou-se de Barriga, olhou-o fixamente e disse:

– Gostamos de ser tristes. E não queremos sua alegria.

Vão embora, vocês não têm nada que nos interessa.

Enquanto isso, a pequena Ana Luz tinha sido erguida pela tromba da elefanta. E ela deu um risinho tímido, mostrando a falta de dois dentinhos.

– Bote ela no chão, agora! – falou Clara, com o cenho franzido, recriminando o sorriso da menina. A elefanta colocou-a no chão rapidamente.

Os bichos não entenderam o jeito atrevido da moça se expressar. Então, o Leão aproximou-se, deu um leve toque no ombro dela e falou mansamente:

– Ora, ora, Clara, você não vê o que vamos fazer...

– Não, não vejo e não quero ver. É melhor vocês irem embora! – retrucou ela, interrompendo o Leão, com o semblante triste e imperturbável.

– Mas, minha cara, viemos trazer brincadeiras e alegria e em

troca esperamos ganhar alimentos para saciar nossa fome
– insistiu o Leão.

– Senhor Leão, eu repito que os moradores desta cidade não querem alegria e tampouco brincadeiras – reafirmou a moça, dando as costas para o Leão.

Quando ela já ia saindo, viu sua irmã, a pequena Ana Luz, admirando os bichos do circo. Realmente, a criança estava sendo tocada pela magia do circo. Irritada, Clara segurou com força o braço da pequena e sumiram por uma rua estreita. Mas, até o último segundo, Ana Luz não deixou de olhar para trás.

Os bichos ficaram embasbacados! Nunca presenciaram nada parecido com aquilo na vida.

– Ah, fiquem calmos, é apenas uma jovem num dia ruim. Ela deve ter se chateado por algum motivo... alguém a contrariou e ela estava apenas desabafando. Até nós, bichos, às vezes, fazemos coisas que não deveríamos quando estamos

chateados. Depois, é só pedir desculpas... tudo volta ao normal
– disse o papagaio, Filó.

– E aí, Barriga, você que é homem e entende melhor os humanos, acha que ela voltará para se desculpar, e poderemos ficar aqui? – perguntou a elefanta, Cinza.

– Claro! Vou pegar o relógio e começar a contar, dentro de 10 minutos ela aparecerá por ali arrependida.

O ponteiro foi girando, girando e nada de ninguém retornar. E para piorar, não havia um morador nas ruas e as portas das residências permaneciam trancadas.

Foi então que estranhos sons ecoaram dentro do circo quase armado. Pegos de surpresa os bichos perguntaram ao mesmo tempo:

– O que é isso?

– O que está acontecendo?

- De onde veio esse barulho?

- Foi da sua...

- Não foi da sua barriga?

Aí se deram conta de que estavam com muita fome. E seus estômagos anunciavam não suportar mais o vazio.

O cachorro, Vira-lata, desmaiou. Chico se apressou em socorrê-lo. Alguém gritou:

- Tragam água para jogar na cara dele!

Mas outro bicho bradou:

- Como? Não temos água nem comida.

- E agora? Vamos morrer? - falou o papagaio com a voz fraca e desanimada.

O palhaço bateu no ombro do macaco, Chico Tripa, e disse-lhe:

- Meu amigo, Chico, você sempre tem boas ideias, descubra uma aí para resolver esse problema.

Nesse instante o cachorro ergueu-se meio tonto.

O macaco ficou de pé e replicou:

– Eu costumo pensar melhor com a barriga cheia, mas deixe-me tentar – ele ia de um lado para o outro escarafunchando a barba cheia de fios brancos sob o olhar atento dos seus amigos. A expectativa era grande.

Chico interrompeu bruscamente seus movimentos. Todos correram atabalhoados para ele, inclusive o cachorro, que havia melhorado, e falaram com uma só voz:

– Qual é a ideia?!

O macaco balançou a cabeça e balbuciou:

– Nada, ainda não tenho nada – e continuou a andança, dessa vez em círculos, muito concentrado.

– Pense, Chico, por favor, pense numa saída – implorou o palhaço ajoelhando-se e erguendo as mãos para o alto.

Nisso, um estrondo encheu o ar:

Prurunnn Blummm Prusuuimmm!

Os olhares se dirigiram para o céu através dos buracos da velha lona que cobria a tenda, curiosos sobre a origem daquele barulho tão forte e amedrontador.

- Engraçado, pareceu um trovão, mas não vejo ameaça de chuva no céu. Não tem vento, apenas um cheiro horroroso...
- disse o papagaio com a voz sumindo no bico.

A atenção geral se voltou para a elefanta, Cinza, que se encolheu diante dos bichos carrancudos, com cara de poucos amigos.

- *Opsss! Foi mal, bicharada!* - choramingou a elefanta, Cinza, tímida e envergonhada, escondendo sua tromba atrás do bumbum por causa do enorme pum que soltara.

- Olha aqui, elefanta! Nós já conversamos sobre esses seus maus hábitos. E você sabe que não é permitido fazer isso na tenda do circo - rosnou o Leão, demonstrando autoridade.

- Tudo bem, Leão, eu sei, já pedi desculpas, *tá!* Por conta da fome minha barriga fica cheia de gases, aí tenho que soltar *né!*
- retrucou a elefanta ainda envergonhada e encolhida na frente de tantas caras feias.

- Basta! Temos problema bem maior que os puns da Cinza
- intrometeu-se o macaco, Chico, falando alto e meneando a cabeça, encerrando a questão.

Capítulo 4



Um velhinho misterioso



noite encobriu a cidade. Os integrantes do circo, sentados no palco, olhavam para a arquibancada vazia. De repente, entrou um velhinho vestido de vermelho usando um gorro mais vermelho ainda, e um enorme saco nas costas.

Todos se agitaram contentes por receber um espectador para as apresentações. A esperança de obter um jantar, ainda que pobre, se reacendeu e a animação foi geral.

- Pois não, senhor! Pode se sentar bem na frente, na melhor cadeira - manifestou-se o palhaço entusiasmado e feliz.

O velhinho agradeceu a gentileza e afundou seu corpo gordo na cadeira. Depois, percorreu o olhar pelo ambiente e viu todos

os lugares vazios. Em seguida, acenou para os bichos se aproximarem. Surpresos, eles deixaram aos poucos o picadeiro e fizeram um círculo em torno do velhinho.

O Leão ficou bem perto e olhava com curiosidade. Então, não suportou ficar de boca fechada e indagou:

- *Huumm...* eu não conheço o senhor de algum lugar?

O visitante olhou para ele e deu uma boa gargalhada. Enquanto ria, sua enorme pança sacudia para cima e para baixo.

- Talvez, quem sabe, de algum lugar, de alguma história para crianças que você tenha lido, talvez dos contos de Natal que um dia ouviu de seus pais e avós.

- Eu não tenho pais, sou órfão - respondeu o Leão.

- Que pena! Eles morreram de que?

- Eu os devorei! - disse o Leão, fingindo um largo sorriso irônico. O homem se calou com medo.

Imediatamente houve um murmúrio forte de reprovação pela conversa que assustara o velhinho.

Com cara de espanto o Leão se desculpou: – Tudo bem bobinhos, eu apenas brinquei! – e recuou para o círculo.

– Que brincadeira boba, Leão! – repreendeu o palhaço. E todos riram sem graça.

O papagaio voou para o colo do visitante.

– *Ahhh!* Eu me lembro do senhor, bom velhinho, é o Papai Noel! – disse Filó.

– Papai Noel! *Ahaahaaha!* – o Mico-leão-dourado e a Mika rolavam de rir.

– Porque estão rindo? – perguntou o simpático velho.

– Papai Noel não existe! Isso é coisa de criança – respondeu o Mico-leão-dourado, ainda rindo.

– Ora, Mico, bicho também não fala, não é mesmo? Ou será

que também é coisa de criança? – o velhinho perguntou, olhando por cima dos óculos.

– Bicho fala sim, eu falo e todos nós falamos – protestou o Mico tentando se explicar.

– Então, meu amiguinho, eu também existo. Basta acreditar do fundo do seu coração – falou solenemente o velhinho com expressão feliz.

– Papai Noel, então se eu pensar num bife bem suculento agora ele vai existir? – perguntou o Leão babando e encarando o velhinho, mas os outros bichos dirigiram para ele um severo olhar de reprovação. O Leão deu um passo atrás abaixando a cabeça:

– Certo pessoal, *tá* bom... meu senso de humor fica péssimo quando estou ouvindo o som de minha barriga com fome – falou o Leão, balançando a enorme cabeça.



Capítulo 5.



A proposta

Minutos depois, a bicharada do circo cercava o Papai Noel, encantados com os cabelos brancos. Sua barba enorme e macia tremulava sob a brisa que passava pela tenda. Suas bochechas eram rosadas e os olhos tão azuis que brilhavam. Já, sua pança, bom... essa era tão grande que parecia a barriga de pano do palhaço, Barriga.

– Papai Noel, o que o senhor faz aqui neste lugar tão longe e desolado, é tão triste que ninguém quer assistir nosso espetáculo – manifestou-se a elefanta, Cinza.

– É justamente por isso que estou aqui! Para fazer uma proposta a vocês – afirmou Papai Noel, chamando a atenção de todos.

– Proposta? Que Proposta? – perguntou Barriga, curioso.

- É simples, se vocês conseguirem alegrar esta cidade e arrancar um sorriso dessa gente triste, eu lhes dou comida, carroças e tenda nova. E cada um ainda terá o direito de realizar um desejo – anunciou Papai Noel, animado.

- Todos nós poderemos fazer um pedido? Isso é ótimo...
- falou com voz fraca o burrinho, encarregado de puxar a carroça.

Mas os outros bichos não tiveram o mesmo entusiasmo.

Vendo o desinteresse pela sua proposta, Papai Noel perguntou:

- O que foi? Não gostaram do desafio? – os bichos permaneceram calados.

De repente o papagaio se justificou:

- Esta é uma tarefa impossível para nós. Porque o senhor mesmo não tenta? Essa gente é muito triste. As crianças não brincam e os adultos se trancam em suas casas. As praças não têm árvores, não tem flores, este lugar não tem vida, Papai Noel!

- É verdade o que o papagaio falou! – concordou o Leão
- tudo tem um aspecto tão triste! – acrescentou ele, esticando a enorme unha na direção das ruas.

- Papai Noel, isso aqui é um caso perdido! Se quiser resolver o problema dessa gente é melhor o senhor mesmo fazer algo. Nós já temos nossas próprias dificuldades. Veja o meu estômago, não para de doer e roncar, até parece uma orquestra – falou o Mico-leão-dourado, procurando um canto para deitar espichado.

Papai Noel coçou a barba e replicou:

- Bom, eu tenho muito trabalho a fazer até o Natal, e ainda falta entregar muitos presentes. E são apenas dois dias. Tá certo que tenho ajudantes espalhados pelo mundo, mas como sei que estão precisando de ajuda também, pensei nesse desafio para vocês. Afinal de contas estão famintos e com sede. E depois, vocês não têm nada a perder mesmo – finalizou ele.

- *Uhhmmm!* – gemeu Chico Tripa, sério.

- Chico, o que foi, teve alguma ideia melhor que essa do Papai Noel? – questionou o palhaço.

Chico foi até o papai Noel e falou:

- Como o senhor disse, nós não temos nada a perder mesmo, então podemos tentar fazer esse povo rir.

- Mas espere meu amiguinho, Chico Tripa! Não se trata apenas de fazê-los rir, mas de mudar a vida deles! – acrescentou Papai Noel.

- Chico, isso é loucura, nunca, jamais conseguiríamos mudar a vida desse povo. Muito menos em dois dias – disse a elefanta, Cinza, pessimista.

- É isso mesmo, a elefanta tem razão. Como mudar a vida de alguém se não conseguimos mudar a nossa? Estamos famintos, estou fraco – resmungou o Mico-leão-dourado.

- Como pode ver, Papai Noel, o senhor está nos propondo uma missão impossível – completou o papagaio.

– Meus amigos, não se esqueçam, nada é impossível para um coração de criança.

– O que o senhor quer dizer com isso, Papai Noel? – perguntou Barriga.

– Não se lembram de Ana Luz? Ela é uma criança. E vocês já tocaram o coração dela hoje cedo. E, esse, já foi o primeiro passo. Agora, façam isso com os outros moradores.

Ao ouvir o bom velhinho os bichos se entreolharam.

– Papai Noel, enquanto vocês discutem não tem nada aí no seu saco para matar minha fome? – falou o Mico-leão-dourado do alto da sua preguiça.

– Tenho alguns pães, mas só darei após aceitarem a tarefa – falou o velhinho mostrando os pães. A saliva escorreu da boca dos bichos famintos.

– Então, vamos votar! Quem concorda em aceitar a proposta levante a mão – gritou Chico Tripa, erguendo ligeiro sua mão.

Os demais ficaram em silêncio com as mãos abaixadas. Chico Tripa olhou com firmeza para cada um deles, como se quisesse encarar seus próprios medos. O Mico-leão-dourado fingia roer as unhas para não ter que votar.

Chico olhou para Vira-lata que estava ao seu lado. O cachorro abaixou a cabeça, pensativo, depois inflou o peito e falou: – Está bem, amigão, eu nunca te deixo na mão mesmo, vamos nessa!

Em seguida, Chico voltou-se para o Leão que rosnou:

– Está certo, está certo, vou com você, Chico.

O Leão usou sua presença para intimidar o papagaio ao seu lado.

– Eu também estou dentro. Mas fiquem sabendo que é por livre e espontânea pressão – disse Filó, debochando.

E assim, todos eles, um a um, levantaram a pata, a asa e até o Mico, que fingia roer a unha, apressou-se para votar quando percebeu a boca grande do Leão bem ao seu lado, com as presas enormes roçando sua cabeça.

- *Tá, tá*, tudo bem! Não tenho escolha mesmo. E depois se não puderem contar comigo não conseguirão nada – bradou o Mico se gabando.

Papai Noel dirigiu-se ao palhaço, entregou-lhe um pequeno saco de pano e uma lista com as tarefas:

1º - Fazer as pessoas sorrirem;

2º - Deixar as pessoas felizes;

3º - Transformar Arraial da Tristeza em Arraial da Alegria.

- O que tem neste saco? – perguntou o palhaço, curioso.

- Aí tem sementes mágicas! – respondeu o velho Noel erguendo-se da cadeira com agilidade surpreendente para seu tamanho. A elefanta ofereceu sua tromba para ajudá-lo a ficar de pé, o que foi retribuído com um gesto de agradecimento, apesar da ajuda ser desnecessária.

Papai Noel, com passos lentos, caminhou até a porta, parou, olhou para trás e disse:

- Lembrem-se todos vocês de que faltam apenas dois dias para o Natal, e o prazo termina exatamente na noite de Natal!

Os bichos ficaram agitados e preocupados ao serem alertados sobre o prazo, esquecendo por um momento do Papai Noel, e quando se voltaram para a porta não havia mais ninguém, ouviram apenas o tilintar de sinos que se distanciavam.



Capítulo 6



O bilhete

Ao se dirigirem para o picadeiro, perceberam algumas caixas que Papai Noel tinha deixado. Exultantes, correram para abri-las na certeza de que seria comida e água, mas num papel encontrado numa delas estava escrito:

“Meus amigos, usem estas tintas para pintar a cidade, e a alegria de vocês para colorir a vida dos moradores.”

Assinado: Papai Noel

– Ah... essa não! Não é comida, é só mais trabalho – reclamaram todos, decepcionados.

Mas, ao lado das tintas, encontraram também um pacote com alguns pães. O velhinho tinha cumprido sua promessa. Eles sentaram no meio do picadeiro e dividiram os pães, começando pelo burrinho que puxava a carroça do circo, pois o pobre animal estava muito faminto e se esforçara muito para trazê-los até ali.

Depois que terminaram a refeição, o Mico-leão-dourado disse que estava cansado demais e iria tirar um cochilo. Os outros aprovaram a ideia e se preparavam para fazer o mesmo; porém, Chico Tripa levantou-se rapidamente.

– Vamos, todo mundo de pé agora! – gritou ele, batendo palmas para acordá-los.

– Ah, Chico, queremos repousar, estamos mortos de cansados – protestaram enquanto se ajeitavam sobre as palhas.

– Levantem-se! Eu tenho uma ideia fantástica! – disse Chico com energia, e continuou – Papai Noel nos fez uma proposta,

então, nós também podemos fazer o mesmo com o povo da cidade – disse ele, colocando seus óculos para ler a lista de tarefas. Após a leitura, pegou uma caneta e começou a escrever em vários pedaços de papel, dobrando-os com cuidado.

– Que proposta nós faremos? Eles nem sequer falam conosco, e pelo jeito não gostam de visitantes – resmungou a elefanta, Cinza.

– Quero que enfiem esses bilhetes debaixo das portas de todas as casas – ordenou Chico, ajeitando seu chapéu de pirata e acenando para que os bichos o seguissem. Começou a caminhar, mas percebeu que andava só, ninguém queria se mexer.

– Ou vocês me ajudam ou não teremos chance de cumprir o prazo dado pelo Papai Noel! – gritou Chico, zangado.

A contragosto, e vencendo a canseira, lá foram eles batendo de porta em porta, e como ninguém atendia, seguiram a orientação do Chico: inseriram os bilhetes por baixo das portas.

Capítulo 7



Tudo parece dar errado

Quando terminaram a entrega dos bilhetes e iam retornando para a tenda, o Mico-leão não conseguia mais segurar a fome e, vendo o saco de pano nas mãos de Barriga, ficou desesperado.

– Estou com muita fome, me passa esse saco com as sementes mágicas que o papai Noel lhe entregou, talvez sirva de alimento – e antes que o palhaço dissesse alguma coisa, o Mico arrebatou o saco da mão dele e começou a correr pela praça. E todos os bichos atrás dele. Pula daqui, salta dali e ninguém retomava o saco com as sementes. O papagaio, único que tinha asas na turma, bradou:

– Deixem comigo! – e o papagaio voou muito rápido, retirando o saco de pano do Mico com uma forte bicada. O Mico ainda

tentou pular atrás do papagaio, mas suas unhas afiadas só conseguiram rasgar o grosso tecido e as sementes espalharam-se pelo ar. E quanto mais o vento soprava, mais distante elas iam, até cobrir a pequena cidade.

Cansados com a correria e tristes pela traquinagem do Mico-leão, Barriga e os bichos sentaram nos bancos da praça pesarosos com a perda das sementes.

– E agora, como vamos falar para o papai Noel que estragamos tudo? O tempo está correndo – choramingou Vira-lata.

– Eu não sei como explicar isso para o papai Noel, mas sei o que vou fazer com esse Mico causador de confusão – rosnou o Leão, abrindo sua enorme boca em direção ao Mico-leão, que se encolheu apavorado.

– Olha lá o que está pensando em fazer comigo, Leão! Não esqueça que somos quase parentes. Tenho leão em meu nome também e posso ser valente como você! – uivou o Mico.

– Você, valente como eu... não me faça rir. Por sua culpa nossa chance de conseguir comida foi pelos ares – trovejou o Leão, furioso.

– Calma, bicharada! Mantenham a calma! Vamos retornar para nossa tenda, pelo menos entregamos os panfletos para os moradores. Tenhamos esperança, quem sabe acontece um milagre e eles aceitam a proposta – falou o macaco, Chico Tripa.

– Mas me conte uma coisa, Chico, o que você escreveu para os moradores? – perguntou o palhaço, Barriga.

O macaco deu alguns passos e revelou o que escrevera:

– *“Povo de Arraial da Tristeza, viemos lhes trazer a alegria, mas para ganhar este presente terão que abrir as portas de suas casas e de suas vidas”* – disse, solenemente.

– Só isso que você escreveu? – quis saber o cachorro.

– E como daremos alegria para eles? – indagou a elefanta.

O macaco, em resposta, apontou para as latas de tinta.

Com as mãos na cintura e olhar de desdém o Mico-leão perguntou:

– O que você pretende fazer com isso a essa hora da noite?

– Bom, eu não farei nada sozinho, mas se trabalharmos juntos...

– respondeu Chico.

– Ah, Não! Você não é inteligente como costumam dizer. Isso é loucura, e eu estou fora, deixe-me fora de trabalho! – gritou o Mico-leão. Ele se virou para sair, mas esbarrou com o enorme corpo do Leão.

– Olha aqui seu preguiçoso, já temos problema demais, e você ainda criou outro hoje estragando o saco das sementes. Então, vai ali, pegue uma daquelas latas de tinta, pincel e comece a colaborar com os outros. Agora! – ordenou o Leão, rosnando com raiva.

E assim, um a um, os bichos pegaram tinta e pincel e rumaram para a cidade. Trabalharam o resto da noite pintando as casas. De madrugada, antes que o sol apontasse no céu, eles regressaram para a tenda, manchados de tinta e completamente estafados.

Quando entraram no circo, havia uma mesa farta com comida e água e um bilhete do Papai Noel:

“Parabéns! Vocês já fizeram a primeira parte, continuem firmes. Se, à noite, as coisas parecem impossíveis de resolver, esperem o sol nascer, ele pode trazer agradáveis surpresas. Uma boa noite de sono ajuda a pensar melhor” – escrevera o velhinho.

Apesar de exaustos, eles estavam famintos, e devoraram o banquete em segundos. Mal terminaram a comida, cada um procurou um lugarzinho para encostar e já deitaram roncando.

Capítulo 8



As surpresas de um novo dia



O dia amanhecera e eles dormiam pesadamente. Não perceberam que alguém os espiava e tentava chamar a atenção pigarreando.

- *Ruumm, Ruummm!*

Alguns bichos se mexeram sem dar importância ao ruído, outros continuaram roncando.

- *Rummmm, Rummmmmmmmm!* - insistiu a pessoa.

- Elefanta! Por favor, pare de soltar pum a essa hora da manhã, estamos todos cansados, trabalhamos a noite toda para pintar a cidade - ladrou o Vira-lata, abrindo os olhos para ajeitar-se, e aí deu um latido bem alto ao ver que não estavam sós.

- O que foi, Vira-lata, porque latiu assim? - perguntou o

palhaço, Barriga, despertando. Ele, então, viu a pequena Ana Luz segurando um buquê de lindas flores.

- Para que essas flores, menina? - perguntou Barriga.

Ela deixou as flores e saiu em silêncio. O palhaço e alguns bichos correram até a porta da tenda para falar com ela, e ficaram de boca aberta ao ver que a cidade amanhecera florida. O perfume de rosas, begônias e lírios pairava docemente no ar.

- Quem fez isso? - perguntou o Mico-leão admirado.

- Foi você, Mico-leão, quando pegou o saco de sementes mágicas e saiu correndo e pulando feito louco. No momento em que o Papagaio o arrancou de suas mãos, o saco rasgou; enquanto ele voava as sementes caíram, e o vento se encarregou de espalhá-las por toda a cidade - falou Chico Tripa emocionado.

- Eu sabia, eu sou o máximo?! - reagiu prontamente o Mico-leão, sem acreditar no que ouvira.

- Ora, fique quieto! Você e sua falta de modéstia - bradou o leão.

De repente, as portas das casas começaram a se abrir. Pouco a pouco, as pessoas surgiam e se encantavam com a paisagem. Cada uma das casas tinha cores diferentes. A rua parecia um arco-íris de mil cores.

As pessoas, em frente às suas casas, admiravam o colorido das paredes. Outras andavam pelas calçadas, apreciando e tocando nas flores. Quando notaram os bichos parados em frente ao circo, recuaram apressados para suas casas e trancaram as portas.

- Ah, que lástima! Agora vão nos recriminar por termos pintado suas moradias e lhes dado flores - resmungou o velho burrinho.

Desapontados os bichos retornaram para a tenda. Um silêncio pesado tomou conta do ambiente, pois o povo continuava feito caramujo, entocado nas casas.

Eles meneavam a cabeça de um lado para o outro, desanimados.

– Tudo bem... eles podem não ter gostado, mas eu adorei ver a cidade cheia de colorido, de plantas, árvores e muitas flores. Até passou pela minha cabeça parar de viajar tanto e morar numa cidade assim – comentou a elefanta, Cinza, com tristeza.

Os outros pareciam concordar que fizeram um bom trabalho, mas de nada adiantara, os problemas continuavam. Seus esforços não foram compreendidos, suas intenções não mexeram com os sentimentos dos moradores.

– É isso aí... se eles não gostaram, não importa! Nós estamos satisfeitos, sim – concordou o Leão tentando animar a todos.



Capítulo 9



Amizade verdadeira



A tarde anunciava o fim do dia, e o sol preguiçosamente descia no horizonte, deixando o céu avermelhado. Uma chuva ameaçou cair, mas se transformou apenas num vento leve, trazendo pássaros e borboletas para as flores espalhadas por toda a cidade.

Pensativa e ansiosa, a turma do circo ainda aguardava que alguém aparecesse para apreciar os jardins e a nova cidade em que Arraial da Tristeza se transformara. Mas foi inútil.

O prazo que o Papai Noel dera acabaria à meia noite. Os bichos já não tinham mais esperanças de que as pessoas dali *“abrissem as portas de suas casas e de suas vidas”*, como propusera Chico Tripa.

A noite finalmente chegou, e Barriga estava pensativo no

canto do picadeiro. Os bichos discutiam sobre seu trabalho na cidade da tristeza, ele se aproximou devagar e disse:

– Meus amigos! Acho que fizemos tudo o que poderíamos fazer. Faltam poucas horas para o Natal e todos continuam com as portas fechadas. Isso quer dizer que não teremos uma única pessoa para assistir nosso espetáculo.

Os bichos se aquietaram cabisbaixos e decepcionados com o fracasso da empreitada.

– E tem mais uma coisa, a partir de hoje estão livres para ir embora, não posso mais continuar com vocês. A carroça está caindo aos pedaços, nossa lona está rasgada, não temos mais público, portanto não há como conseguir nossa sobrevivência – lamentou-se Barriga, sem conseguir esconder sua profunda tristeza e as lágrimas que molhavam seu rosto.

Quando o palhaço terminou de falar, todos ficaram de pé, assustados. Recusavam-se a crer nas palavras dele.

O Leão, com a voz rouca, disse:

– Embora? Livres? Mas somos uma família. Já somos livres. Não podemos nos separar! – após falar, conteve as lágrimas a custo.

A elefanta, Cinza, não suportou a ideia de viver sem o circo e desatou a chorar. Os outros esconderam o pranto com vergonha dos colegas. Até o Mico-leão ficou atrás do Leão, com os olhos marejados, utilizando a ponta do rabo do rei, para secar a meleca que escorria do nariz junto com as lágrimas em seu rostinho triste.

– Eu tenho uma ideia, quero dizer, minha última ideia para o grupo – interrompeu Chico Tripa, chocado com o discurso de Barriga.

Como ninguém deu atenção, ele continuou:

– Eu sei que falhei com minhas ideias desde que chegamos aqui. Não consegui nada que nos ajudasse a mudar a vida desse povo, e tampouco resolver nossos problemas. Mas eu quero sugerir que hoje, já que vai ser a derradeira noite juntos,

vestíssemos nossas melhores roupas para fazer a última e melhor apresentação de todas...

– Para quem? Ninguém virá aqui nos assistir. Vai ser perda de tempo – irritou-se Filó, o papagaio.

– Neste momento eu estou pensando só em nós, Filó. É uma apresentação de despedida do nosso grupo. Só para nós mesmos. Para ficar na lembrança o quanto fomos felizes e nos divertimos juntos – completou Chico.

– Eu acho uma ótima ideia – ladrou o cachorro, Vira-lata.

E assim, houve concordância da turma toda. Colocaram suas melhores roupas e se posicionaram no picadeiro do Circo da Alegria. Antes de começar, o papagaio correu até o megafone e bradou emocionado:

– Respeitável público... dentro de 10 minutos terá início a maior, a melhor, a maravilhosa apresentação de Natal, nesta florida, colorida, perfumada e feliz cidade!

Eles tinham certeza de que não viria ninguém. Mas cada um deles estava ali, fazendo o papel de sempre: levando alegria e diversão para as pessoas e para os próprios integrantes do pequeno circo.

Os tambores rufaram e as cortinas do picadeiro começaram a se abrir. Todos curvados e com os olhos fechados em respeito ao público como costumavam fazer. As luzes da arquibancada desligadas.

De repente, um estrondo de aplausos ecoou pela tenda. Os refletores se acenderam e as arquibancadas surgiram superlotadas. E bem ao lado do picadeiro estava a menina, Ana Luz, junto à sua irmã, Clara, aquela moça que se recusou a aceitar a presença do circo na cidade, e os mandara embora.

Clara abriu um surpreendente sorriso, deixando à mostra os dentes brancos. Era o sorriso mais feliz que já tinham visto. A cidade em peso estava ali, usando roupas coloridas, chapéus e ostentando no rosto um brilho de alegria.

Os bichos entreolharam-se estupefatos e, contentes, fizeram a melhor apresentação de suas vidas. No final do espetáculo comemoraram o sucesso, recebendo muitos aplausos e abraços daquele povo que um dia fora triste, mas agora transbordava de alegria. Tudo isso porque abriram as portas das casas e de seus corações, exatamente como Chico Tripa havia proposto no bilhete.

No final da apresentação, Ana Luz subiu no picadeiro, onde estavam os bichos, e entregou um envelope para Barriga. O remetente era o Papai Noel.

Então, o palhaço entendeu as palavras do Papai Noel quando dissera que nada é impossível para o coração de uma criança. E graças à pureza de Ana Luz, eles conseguiram tocá-la com a magia do circo.

– Eu pedi um presente para o Papai Noel, eu disse que queria ser alegre e ver todos também alegres e felizes. E ele me deu – disse a menina.

O palhaço abriu o envelope, e dentro havia vários envelopes menores, um para cada bicho, com o seu respectivo nome e uma folha em branco. Na carta, Papai Noel pedia que anotassem no papel um desejo e o depositassem na pequena urna que estava com a menina, Ana Luz.

Os bichos ficaram em silêncio, pensando cuidadosamente, pois não queriam desperdiçar a chance. Depois de alguns minutos, cada um escreveu seu desejo, colocaram no envelope, e o depositaram na urna.

A menina abriu a urna e leu os pedidos, um por um, e em cada papel estava escrito:

“Quero continuar minha família no Circo da Alegria”.

Capítulo 10



Arraial da Alegria

Na manhã seguinte, com o ânimo renovado, eles começaram a arrumar as malas para partir em sua velha carroça. Então, perceberam que havia três novas carroças ali na praça esperando por eles e três alegres burrinhos que logo se enturmaram, conversando animadamente. Dentro delas, havia uma tenda nova e alimento suficiente para as jornadas do circo pelo mundo afora.

Enquanto preparavam a caravana, contentes e distraídos, não perceberam alguém se aproximando. O palhaço, Barriga, estava agachado amarrando os cadarços de seu sapato e, de repente, a brisa leve parecia querer dizer-lhe alguma coisa.

Lentamente, ele ergueu o rosto e seus olhos brilharam. Em pé, a poucos metros dele, a jovem Clara, usando um vestido

cor-de-rosa com um coque no cabelo, segurava uma pequena mala numa das mãos e com a outra fez uma reverência delicada e cheia de graça. Por trás dela, surgiu, com os olhos cheios de alegria, Ana Luz, vestida de bailarina.

– Acho que o circo precisa de bailarinas! – disse Clara, curvando-se elegantemente como uma bailarina de caixinha de música.

Os bichos olharam atônitos e admirados com a beleza da moça.

– Queremos fazer parte do circo – disse ela.

– E vocês sabem dançar? – intrometeu-se o Mico-leão.

– Não, mas podemos aprender. Sempre guardei comigo o sonho de ser bailarina, então, pensei que esta pode ser a oportunidade – Clara falou para o Palhaço, com os olhos brilhando.

– Está certo, Clara. É importante sonhar. A vida é feita de coisas que um dia alguém sonhou – adiantou-se a elefanta.

– *Huuuurruuu!* – coçou a garganta o Leão – será que você conquistou o coração de uma bailarina, mocinho? – sussurrou ele no ouvido do palhaço.

Barriga estendeu a mão para a moça e para a menina, Ana Luz, ajudando-as a subirem na carroça.

E assim, o circo partiu. Quando passaram pela placa que identificava a cidade, Barriga sorriu ao ver o novo nome: Arraial da Alegria! Ele cantarolou, satisfeito, uma alegre canção que fazia parte do espetáculo do circo, e todos o acompanharam, cheios de energia para enfrentar novos desafios e grandes aventuras.

Fim





Projeto Gráfico
Fundação ADM

Capa e Ilustração
Augusto Mattos

Produção e Impressão Gráfica
Fundação ADM

CTP e Impressão Gráfica
Grasb

Formato 20 x 21

Tipologia das famílias Open Sans, Lobster 1.3
Cartão Supremo 300g/m² capa - Alto alvura 90g/m² miolo - 76p.

Tiragem: 2000 exemplares

Ano: 2015